



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 10, Vol. 2 (2016)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

ESTÉTICA DA SEXUALIDADE¹ ENTRE IMAGENS-GRAFIAS²

³Helane Súzia Silva dos Santos

⁴Maria dos Remédios de Brito

RESUMO

Este texto-ensaio traça linhas interpretativas sobre *uma* “estética” da sexualidade. Toma a escrita como exercício experimental na tentativa de criar campos gráficos que pense o *pathos* mais do que o *logos*, convidando o leitor para uma partilha do sensível e da diferença. As questões que movimentam o argumento são: de que leitura se parte para pensar *uma* sexualidade como campo estético de criação e invenção de *uma* vida? Como o corpo

¹ É importante notar que Deleuze e Guattari, assim como Michel Foucault, colocam a sexualidade como uma questão filosófica. Atravessam obras conjuntas de Deleuze e Guattari, como o *Anti-Édipo*, a preocupação com tal questão, do mesmo modo, que obras solo de Deleuze não deixam de pontuar o assunto, no caso da obra *Proust e os signos*, entre outras. O seu interesse vem inclusive do seu envolvimento com as questões da homossexualidade, como no prefácio que escreveu para o livro de Guy Hocquenghen, intitulado *L'Après des Faunes*, 1974.

² O ensaio faz parte de um pequeno fragmento da tese *Uma cartografia das sexualidades: entre linhas e mapas dos afetos na escola*, Helane Súzia Silva dos Santos, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito. Agradecemos a Capes por custear uma bolsa de estudo para a realização da pesquisa.

³ Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

⁴ Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) no Instituto de Educação Matemática e Científica, Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

experimenta a sexualidade? O repertório analítico de leitura passa pelo pensamento da diferença de Deleuze e Guattari, adotando como obra interlocutora *O Anti-Édipo*, precisamente o primeiro capítulo. Além disso, foram consultadas outras referências em prol da fundamentação dos argumentos. O estudo empírico foi realizado nos arredores de uma escola Estadual de Belém do Pará, a partir de imagens fotográficas feitas pelo celular. As imagens foram editadas, na tentativa de borrar as configurações daquilo que se pode chamar de sujeito de pesquisa, pois não se trata de representar sujeitos, mas pensar encontros, afetos. O texto-ensaio compõe passagens e paisagens de um mapa movente dos afetos, que segue transbordando sexualidade no entre jogo de uma estética e uma política do corpo e da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da sexualidade, Imagens, Fotografias, Diferença.

ABSTRACT

This text-essay traces interpretative lines on an "aesthetic" of sexuality. Take writing as an experimental exercise in trying to create graphics fields that think more pathos than the logos, inviting the reader to a sharing of sensitive and difference. The issues that move the argument are: that reading is to think of a sexuality as an aesthetic field of creation and invention of a life? As the body experiences sexuality? The analytical reading repertoire goes by the thought of the difference of Deleuze and Guattari, adopting interlocutor work *Anti-Oedipus*, just the first chapter. In addition, they consulted other references in support of the grounds of the arguments. The empirical study was conducted in the vicinity of a state school of Belém do Pará, from photographic images made by phone. The images were edited in an attempt to blur the configurations of what might be called the research subject because it is not to represent subjects, but think meetings affections. The text-test consists walkways and landscapes of a moving map of affection, which follows overflowing sexuality in between playing an aesthetic and a body politics and life.

KEYWORDS: Sexuality Aesthetics, Images , Photographs, Difference .

QUANDO A VIDA PEDE PARA VIVER

Será possível viver em um espaço único que se coloque como universal? Como viver, ser, pensar, falar, existir em meio à diferença? Que modos vitais estão sendo criados, vividos pelo corpo que sente, deseja e exerce uma sexualidade? Os processos de subjetivação têm cada vez mais variado entre nós, e é possível dizer que entre esses processos, que são massificados pelos meios de comunicação, pelo cinema, pela escola, pela família, pela religião, não encontram forma acabada. Eles são cada vez mais moventes, arrastando a vida, a produção de rotação para campos indomáveis.

A subjetividade não é um centro, não é fixa. A vida escapa, prolifera uma batalha vestida pela multiplicidade, buscando inventar/criar processos de singularização para além da subjetivação massificada, e isso vai sendo percorrido pelos modos de ser, sentir, viver na entre estética e política da existência, não deixando de emergir em meio à luta com o dissenso, para remeter a Rancière (2000).

Diante disso, pergunta-se: o que estamos fazendo de nós? Ela não está dissociada de práticas políticas que fomentam a indissociável relação com os modos de agir uns com os outros. Criar espaços vitais que estejam dilatados pela alteridade tendendo a buscar ou registrar traços de visibilidades dos indivíduos dentro dos espaços públicos, nos quais os modos vitais devem ser asseverados ao pertencimento da segurança, da dignidade humana; também se deve deixar fluir/viver os intervalos da diferença sem a força da negatividade sobre os corpos viventes. Deve-se viver e criar espaços do comum, remetendo não só a acolher produções estéticas, mas políticas entre conexões com as partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2000). Para isso, podem ser criados meios provedores do dissenso, do outramento na resistência à banalidade do negativo, ao que pode ser estranho, diferente aos olhos ou à cultura do outro.

A vida é sempre uma vida, não há vida absoluta, que tenha regras e códigos universais. É em prol do absoluto que se cria a intolerância e a negação a tudo aquilo que não é igual, pois não poderia ser.

É possível notar, no que diz respeito à sexualidade, que os indivíduos estão buscando cada vez mais exercitar seus corpos sem tanto horror ou culpa. Eles criam seus modos vitais em meio a uma batalha diária com a moralidade, com o julgamento, com a intolerância visível na sociedade. Entre a dureza da violência há também formas de vida que resistem e solicitam a presença no que difere para além dos modos fincados no sistema de representação.

Grupos, indivíduos criam suas táticas de vivência à opressão, configurando uma estética (modo de viver e ser), mas também uma política (modo de falar/pensar/agir), ambos

inseparáveis, em plena tensão entre o consenso e o dissenso, pois é sabido que a racionalidade aceita é aquela que perpassa pela normatividade padrão, mas há outras racionalidades que são criadas, desejadas e inventadas, imprimindo formas de ser e de viver no mundo, onde se expressam limiares de processos singulares. O enfrentamento é diário.

É possível afirmar que há sobreviventes, mesmo diante de realidades marcadas pela lei, pela norma, pela moralidade autoritária, pelo receio ao que não pertence ao absoluto. Se há várias tentativas de apagamento dos corpos que vivem sua sexualidade não da forma dominante, identitária, há também corpos que emanam ações vitais percorridas pelo desejo como produção de modos de vidas afirmativas.

Assim, estética e política se encontram entre as tensões do estranho e do familiar, da identidade e da diferença, do *logos* e do *pathos*. Nesses campos, emergem batalhas, guerras, resistências que não podem amarrar semelhanças e nem identidades fixas. Não é possível nessa arena apagar os intervalos, negar os hiatos. É preciso partilhar uma vida ética e estética, mas também política e encontrar meios diários de estabelecer linhas, conexões com vidas e modos de ser/agir que não são universais, mas, ao contrário, são vidas que estão no meio do caos, sempre em fissuras, rachadas, rasuradas, quebradas, desenhando resistências, mesmo por pequenos graus imperceptíveis.

A partir do exposto, indaga-se: como o corpo experimenta a sexualidade? De que leitura se parte para pensar a sexualidade como um campo estético de criação e invenção de uma vida? O texto faz referências ao estudo da sexualidade entre corpos que criam e vivem modos de sentir; assim, os corpos se experimentam para além do padrão normativo, abrindo espaço para enfrentar uma estética corporal ligada àquilo que se chama desejo como produção vital.

O repertório analítico de leitura passa pelo pensamento da diferença de Deleuze e Guattari, tomando como obra interlocutora *O Anti-Édipo*⁵, precisamente o primeiro Capítulo. A partir desses autores, a sexualidade pode ser compreendida como produção desejante, que percorre os corpos para além das formas identitárias, colocando-os como maquinações do

⁵ Nesta obra, os autores criticam o modo como a psicanálise confina a sexualidade no triângulo artificial (Édipo) como princípio organizador, cerceando-a, soldando-a ao complexo familiar e asfixiando-a como produção desejante. Eles criticam o pensamento psicanalítico possibilitando outros registros de abordagem para a sexualidade, retirando-a do campo da representação e inserindo-a no campo da produção. Não é propósito deste ensaio desenvolver argumento teórico reflexivo a respeito da psicanálise freudiana e o embate crítico que Deleuze e Guattari efetuam na obra citada. É sabido que ambos os autores têm aproximações e diferenças com tal perspectiva remetendo um estudo específico, o que não seria o nosso objetivo.

desejo, que não deve ser entendido como falta, mas como produção, criação, invenção; sendo atravessado pelos campos sociais e pelos processos de individuações⁶.

Embora várias pesquisas sejam realizadas no campo da sexualidade, como por exemplo as que incluem questões sobre gênero e suas variações, neste texto pretende-se abordar a sexualidade apenas pelo campo teórico da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari. A sexualidade para esses autores está para além da leitura de gênero. O texto não tem intenção de colocar à tona essas reflexões, caberia fazer o percurso analítico e investigativo, bem como elaborar outras perguntas. Pensamos que isso desconfiguraria o teor inicial da reflexão/investigação.

O estudo empírico foi realizado nos arredores de uma escola Estadual de Belém do Pará, a partir da tomada de fotografias realizadas pelo instrumento celular. As imagens editadas não configuram a expressão de um sujeito, mas passagens, acontecimentos, borramentos vitais. O que se segue são as expressões desses modos de vida, a partir do exercício de *uma* sexualidade que não se quer fundante e nem fundadora.

Os corpos vivos parecem ser atravessados pelo desejo que arriscam a se colocar na arena política/estética do olho social para partilhar o espaço da diferença, pois parte-se da ideia de que não existe *a* sexualidade, mas diferentes formas de exercitar o corpo e o desejo.

SEXUALIDADE COMO PRODUÇÃO DESEJANTE

A sexualidade é produção desejante. O desejo não é falta, nem ausência, nem carência (DELEUZE E GUATTARI, 2010). É produção, maquinação. A máquina desejante tem como motor o desejo; seus fluxos descodificados formam a libido dessa máquina, que se delinea numa tangente de desterritorialização, atravessando os meios representativos, conectando vidas, mundos, encontros, nos quais a maior potência passa por processos criativos, deslizamentos entre os poderes, fissurando as forças reativas, os sistemas de julgamentos para atravessar forças ativas, mobilizadoras de outros modos vitais.

Não se deve deixar de destacar que a máquina de produção capitalista, quase sempre, deseja vidas fracas, impotentes, tristes, minguantes, pois com elas a produção do desejo é despotencializada e enfraquecida, fincando a vida e seus modos em um padrão edificante conservador e limitador. Inclusive, a sexualidade pode assumir um padrão normalizador (sistema de reprodução) instituído pelos agenciamentos conservadores do capital. Foucault já

⁶ Para Deleuze, que parte do campo intensivo de individuação de Simondon, o ser também é pensado como sistema tensionado, acima do nível da unidade e não como substância, matéria ou forma (DELEUZE, 2010).

denunciava essas questões em *História da Sexualidade I*, quando remete o corpo para o interior do espaço produtivo; do mesmo modo, a sexualidade para o autor está na ordem do processo disciplinar.

Este texto pontua a sexualidade distinta da representação, não sendo figurativa, nem projetiva, mas maquinação de um inconsciente libidinal no qual não há lugar para simbolismo sexual. A sexualidade não é considerada uma energia específica que une pessoas derivadas dos grandes conjuntos molares representados num conjunto familiar, pois “(...) as peças de máquinas desejanter funcionam nas próprias engrenagens da máquina social, os fluxos de desejo entram e saem pelos códigos (...)” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p.447).

Se a sexualidade pode ser codificada para não desarranjar os códigos e fazer rupturas no espaço molar e cavar aberturas pela superfícies, Deleuze e Guattari afirmam que ela não pode ser efetivamente determinada pelas segmentações. Aqui, a sexualidade é mobilizada como produção desejanter, fazendo aberturas no corpo para além da configuração de n°sexos. Não há o sexo, em si, que determine um modo único de se exercitar a sexualidade. Para os autores, o corpo pode fazer N combinações. O corpo vai rasurando, formando rachaduras para escapar de um *modelo* heterossexual, assim como da localização desse modelo, que exige um único tipo de relação.

Essa rasura revela como as relações sociais submetem a sexualidade e o corpo a regras bem determinadas. Como diz Deleuze, “as relações de forças não são aí inscritas no começo pela sociedade, os papéis homem-mulher, comedor-comido, mestre-escravo são instáveis e intercambiáveis” (DELEUZE, 2010, p. 359). O que o autor quer dizer é que há tantos sexos quanto há agenciamentos. Os corpos são móveis, transversais em suas relações. Não há um mediador ou mesmo um localizador universal, mas produções desejanter que levam a sexualidade para uma maquinação indomável.

As máquinas desejanter funcionam nas máquinas sociais, como se mantivessem seu regime próprio no conjunto molar que elas formam, por outro lado, no nível dos grandes números (...). De modo algum a sexualidade é uma determinação molar representável num conjunto familiar, mas é, isto sim, a subdeterminação molecular que funciona nos conjuntos sociais e, secundariamente, familiares, que traçam o campo de presença e de produção do desejo (...) (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 243).

A sexualidade traça o campo de presença e de produção do desejo. Contudo, não se quer dizer que não exista codificação pela máquina social (superfície de registro-controle que

codifica a produção desejante por todos os lados, tal como referenciava Foucault anteriormente). Entre essas superfícies, configuram vazamentos incontidos, que proporcionam novas formas de viver o desejo, não se deixando capturar em sua totalidade, não se deixando controlar em linhas duras. O corpo cava seus vazamentos, suas formas estéticas para viver. E é por esses meios que Deleuze e Guattari parecem sugerir o termo sexualidade como desejo produtivo, que coloca o corpo nas trilhas de um corpo sem órgãos, conceito que não se pretende abordar para o momento. Tal sugestão foi mencionada por Guattari:

Se Gilles Deleuze e eu tomamos o partido de praticamente não falar em sexualidade, e sim em desejo, é que consideramos que os problemas da vida, de criação, nunca são redutíveis a funções fisiológicas, a funções de reprodução, a alguma dimensão particular do corpo (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.280).

Assim, a sexualidade ultrapassa esse sistema molar em busca de outros campos de relações, das engrenagens moleculares que formam as máquinas desejantes. Nestes campos é que a sexualidade é enfatizada neste texto, no qual ela não “representa”. Mesmo considerando que é codificado pelas máquinas sociais, o corpo cria suas linhas de fuga.

Para Deleuze e Parnet (1998), a sexualidade não tem o papel de uma infraestrutura nos agenciamentos do desejo, nem forma uma energia capaz de transformação, ou então de neutralização e sublimação. Ela não pode ser pensada senão “(...) como um fluxo entre outros, entrando em conjunção com outros fluxos, emitindo partículas que entram elas próprias sob esta ou aquela relação de velocidade e lentidão na vizinhança de outras partículas” (p. 118).

Em meio a encontros ou mesmo nas produções de agenciamentos, a sexualidade é tomada como expressão de uma vida, não sendo particularizada por uma dimensão efetivamente fisiológica, biológica, reprodutiva ou ligada a uma dimensão particular do órgão sexual. A sexualidade diz respeito a n'sexos, pois as dimensões da vida estão para além das nomeações e referenciais codificantes.

A sexualidade é máquina desejante, pois passa por diversos campos contínuos de intensidade, que emitem blocos de devir⁷, conjunções de fluxos, agenciamentos de várias

⁷ Devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejantes ou agenciamentos): desejar é passar por devires (...). Devir não é uma generalidade, é sempre singular, nunca é imitar nem se conformar a um modelo, nem identificar-se, nem regredir-progredir, nem corresponder. Em Zourabichvili (2004), o devir apresenta linhas modificáveis, mutantes, que não exige a forma, o fundo, a base. Ele é sem causa inicial e final, é sempre o fluxo, o que se desloca recusando as classificações, as estruturações causais (...) (Brito, 2011). Deleuze e Guattari (2012) dizem que o devir não é uma correspondência de relações, não é progredir nem regredir, não produz outra

amplitudes. O corpo escorre maquinando sentidos, intensidades, velocidades, lentidões que proliferam descodificações de todo um sistema normalizador e moralizante da vida e de seus modos. No plano molecular, o desejo está sempre fugindo por todos os lados e produzindo novas conexões indomáveis.

COMO O DESEJO É PRODUZIDO ENTRE X E Y

O pensamento da representação⁸ utiliza a organização molecular dos corpos para classificá-los, formatando uma padronização do exercício da sexualidade a partir de uma lógica binária, quando determina o sexo biológico e tudo que ele imprime na sexualidade, utilizando para isso as formas e funções de estruturas microscópicas do organismo, os cromossomos⁹.

Essas estruturas, presentes em todas as células do organismo, representam a possibilidade de determinar um padrão de normalidade para se viver a sexualidade, por meio de um pensamento segmentado, ratificado pela ciência. Mas, como o desejo é produzido entre o X e o Y? É possível borrar as fronteiras do sexo biológico, quando este impõe normas para o exercício da sexualidade?

É também pelas vias moleculares que o corpo foge às determinações das formas cromossômicas. Ele faz desarranjos, fissa a segmentação e faz desterritorializações. São os corpos que traçam seus trajetos sinuosos, que desafiam a moralidade, os costumes, as normalidades padronizadas em seus sistemas de juízos, deslizando em suas próprias vidas em outros sentidos, outros campos de existência, pois entendem que a vida é muito mais do que os discursos; ela é um campo de guerra que passa efetivamente pela afirmação inventiva.

IMAGENS-GRAFIAS DA SEXUALIDADE

coisa senão ele próprio.

⁸ O termo “representação” (repraesentatio) vem do latim e indica a imagem e/ou a ideia de alguma coisa, ideia de conhecimento como “semelhança” do objeto. Na filosofia aristotélica estão as mais remotas bases para a construção desse conceito. Bergson (1934) apud Schöpke (2012), em sua obra *O pensamento e o movente* afirma que o conhecimento representativo é prisioneiro da generalidade e, por esta razão, não nos permite conhecer aquilo que um objeto tem “de único”. A representação não pode apreender o que há de diferente em cada um de nós, o que há de singular em cada objeto.

⁹ A maioria das espécies, inclusive a humana, possui um par de cromossomos sexuais, responsável pela diferença entre os sexos. Em geral, as fêmeas apresentam dois cromossomos sexuais idênticos, identificados como XX, enquanto os machos que um cromossomo idêntico ao das fêmeas (X) e outro diferente (Y) (LINHARES; GEWANDSZNAJDER, 2012).

Nesse item, são traçadas escrituras que cruzam imagens¹⁰, pensamentos sobre aquilo que se chama de estética da sexualidade. Modos de vidas e existências que formam campos de produções desejantes, e por meio de suas manifestações sexuais, há uma política vital, um modo de vida comum. As imagens são paisagens retiradas dos arredores de escolas da Educação Básica, em Belém do Pará. Estudantes, que nos intervalos dos horários das aulas marcavam encontros com seus companheiros, companheiras ou “ficantes”, como diziam. As imagens não têm como objetivos fixar uma identidade sexual, mas provocar pensamentos, inclusive outras formas de perguntas.



Fluxos em vazão

(Des)coagulação

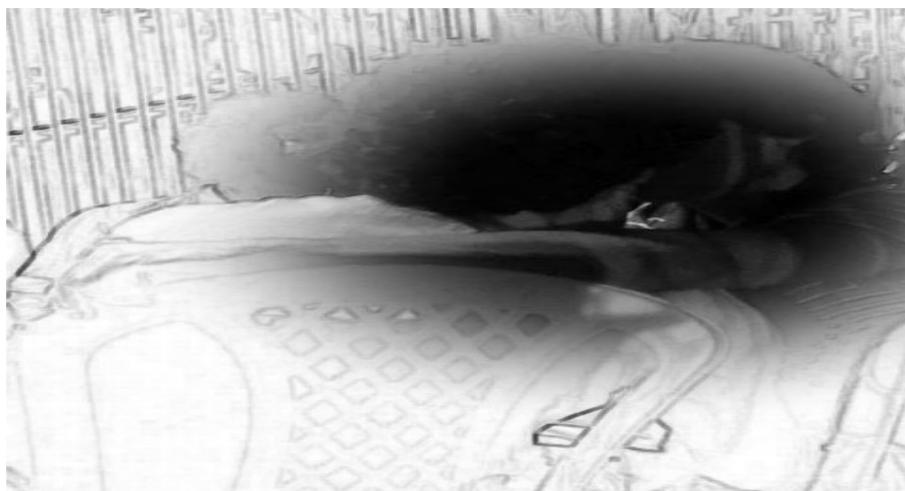
Corpos em (des)função

Amar, odiar, sofrer ou morrer? O desejo é viajante, inesperado, aspira ao improdutivo, ao nada a dizer, mas sentir. Desejo, como diz Lins “sem muletas mentais” (2012, p. 122). Nessa perspectiva, a sexualidade não é uma norma, um código, mas dobras, linhas, arquipélagos que podem ser explorados, cavados, visitados por entre várias fendas e bordas. O

¹⁰ Todas as imagens fotográficas usadas no transcorrer deste ensaio pertencem ao arquivo individual de Helene Súzia Silva dos Santos, que foram retiradas durante conversas, rodas de conversas entre alunos e professores dentro e fora das escolas da Educação Básica. Tais imagens não pretendem identificar rostos e nem corpos, mas são usadas como texto que falam por si mesmos. O uso é meramente pedagógico, não tendo interesse de expor nenhuma singularidade ou gesto para outros usos. As imagens foram retiradas entre os anos de 2013 a 2016.

indivíduo é composto dessas dobras e com ele a produção de sua sexualidade, movida por toques, por encontros, por forças ativas, pois o corpo sente, pensa, vive, faz movimentos.

Sem opiniões ou julgamentos, há pensamentos. E o que tem a dizer a sexualidade? Os afetos se agenciam, passam pela potência dos encontros, sem gêneros ou sexos. Nem menores ou maiores: as diferenças são alimentadas e fomentadas por esses afetos. A sexualidade não é permanecer em um sexo y ou x, mas é extrair movimentos, lentidões, velocidades que constituem certas potências desejantes. Assim, há devires demasiadamente complexos, alianças com a diferença, fora dos sistemas identitários ou binários.



Metas...?

Transições

Experimentações

A máquina da sexualidade é linha de fuga. Para Deleuze e Guattari (2012, p.85), “(...) Nada de imaginário nem de simbólico numa linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga (...)”. A sexualidade escapa às malhas do poder padrão, mesmo com diferentes intensidades e em diferentes meios, faz deslocamentos entre as linhas endurecidas, foge pelas microvias na busca por novas potências de existir.

O desejo passa pelo silêncio do corpo, do olho, da cabeça, das pernas, dos toques, dos cheiros. A sexualidade exige uma “memória curta”, uma memória de um certo esquecimento, pois o sexo é apenas um signo e não uma determinação. Essa “memória curta” não culpabiliza, mas evita a ideia de uma reprodução imposta a toda forma de desejo sexual que confina o corpo a zonas erógenas, à procriação, “(...) resistência aos dispositivos da sexualidade” (LINS, 2012, p. 124).

Portanto, ao invés de pensar uma sexualidade, é preciso pensar nas sexualidades para não cair na moralina entre o bem e o mal. Muito mais do que isso, o que parece importante é saber “amar” e não permanecer mulher, homem, mas extrair do sexo suas partículas minoritárias, suas velocidades, suas lentidões, seus n’sexos que podem dizer “da moça sexualidade” (LINS, 2012, p. 124). Claro que não se quer revindicar um modelo, mas saber que existe N formas de se viver.

A sexualidade é uma produção de mil sexos, que são igualmente devires incontroláveis (...). Não dá para vislumbrar como a correspondência entre duas relações ‘homem-guerra’ e ‘mulher-casamento’ poderia acarretar uma equivalência do guerreiro com a donzela enquanto mulher que se recusa a casar. Tampouco dá para vislumbrar como a bissexualidade geral, ou mesmo a homossexualidade das sociedades militares, explorariam esse fenômeno que não é mais imitativo do que estrutural, mas que representam antes uma *anomia* essencial ao homem de guerra. É em termo de devir que é preciso compreender o fenômeno (...). São esses devires que encontram sua condição no devir-mulher do guerreiro, ou em sua aliança com a donzela, em seu contágio com ela (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 70-72).

Entre tudo isso, é preciso desfigurar a memória da culpa, do horror, do pavor e do medo, saindo das obrigações coveiras do corpo e das crucificações assassinas para pensar um corpo vivo, corpo que inventa seus modos de ser, máquina de guerra, atuando e funcionando como embaralhamento, que desloca a sexualidade para além de um dispositivo, fazendo-a entrar em zonas vitais do corpo, não como verdade do sexo, mas como invenção do desejo, provocando desacordo dos sexos. É preciso “confundir as escalas, embaralhar as certezas, acrescentar tons (...) dodecafonias; inserir o canto coral em sinfonia, à maneira de Beethoven, em um corpo do desejo que é música, dança, aberto às circulações (...)” (LINS, 2012, p. 127). É uma luta diária contra os poderes massificantes e intolerantes.



... Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão...¹¹

E nesse sentido, não há fixidez, nem nada para representar. Os corpos ignoram seus tipos cromossômicos, borram as formas para compor uma travessia; assim, trocam carícias e se acoplam, fazem fissuras nos espaços endurecidos, cavam modos de viver. É uma sexualidade não normatizada. Os corpos compõem um bloco de afetos e assim fazem da sua sexualidade um campo de guerra a toda intolerância. Essas singularidades produzem também modos inventivos de vida.

O corpo pode ser compreendido como uma superfície de multiplicidade, que promove em si um estado difuso a partir de seus encontros, criando seus desejos sem cálculo, pois “a ideia não é barrar a emergência do caos” (LINS, 2012, p. 127), mas, quem sabe, retirar da sonolência o corpo, o desejo, para territorializar outros afetos na ordem corporal, que não deixa de ser o próprio caos fazendo ou inventando um dissenso, uma discordância das práticas referencias sobre a sexualidade.



... Embaralhar os corpos... trajetos tortos... pode? é possível dizer o que pode um corpo?

¹¹ Trecho da música “O corpo”, de Paulinho Moska.

Paisagens... Passagens...

O corpo não cessa de experimentar seus devires, de compor suas zonas de indiscernibilidade, pois nem mesmo os agenciamentos da ciência o coagulam. O sexo-rei vai sendo manejado, remanejado para a codificação e estrutura, mas a sexualidade não deixa de parir outras alianças corporais.

A supertição da ciência é abalada, a separação entre homem/natureza é posta em crítica. O corpo discorda, o desejo arrasta a vida para outras potências inventivas, em que a inteligência deixa de ser hegemônica para oferecer lugar aos afetos, aos encontros, às forças vitais. Não há patologia aqui! O corpo difere, a vida difere: nem identidade, semelhança, analogia, diversidade, mas pura diferença, pois, sempre há várias formas de experimentar a vida.

Esse jogo da multiplicidade leva a sexualidade ao desamparo das fronteiras e põe o sexo, a sexualidade em produção maquínica, que é atravessada por todos os buracos: nem a negação ou a provação, mas entre lugares, meios, devires, vários devires, alegres, tristes, vivos, mortos, bloqueados, abertos, fissurados, acoplados; meios que percorrem os corpos, que explodem identidades, semelhanças para, quem sabe, serem inventados processos de individuações de todas as formas.

Há uma variação contínua na individuação, que está imersa em um campo problemático. A força de existir passa por uma vida, percorre uma variação que, por vezes, sugere um escapamento, como diz Orlandi:

(...) é variação da própria trajetória da vida. E essa trajetória não é homogênea. Isso quer dizer que o estofô da variação contínua é feito de encontros, de encontros mil, com o alimento, com os ares saudáveis, com a poluição, com entes amáveis e odiáveis, etc. Em função de encontros extensivos e intensivos, encontros que se misturam nessa variação contínua, é que Deleuze procura ver o aparecimento de “uma pequena alegria” (2009, p. 71).

Uma vida é pura imanência, e essas intensidades, que passam e operam uma vida, compõem as singularizações, as forças, as potências que vão dando contornos ou efetivando processos de individuação. Então, saltam vibrações, vida impessoal, blocos de tempos, de entretempos, entrelugares, há trajetos que se transpõem, se misturam, cessam ou levam a vida para um campo de acontecimentos.

Tudo isso não é dado, o corpo força, batalha. É atravessado por toda uma vida, por todo um desastre, uma alegria, uma tragédia; não há guerra, sem trapos, por isso, às vezes, é necessário o organismo forçar a sua desorganização, para que nele sejam abrigadas outras confluências.

TRANSBORDAMENTOS

O desejo é movimento: “faz passar estranhos fluxos que não se deixam armazenar numa ordem estabelecida” (Deleuze & Guattari, 2010: 89). A sexualidade como máquina desejante não fixa trajetos, ela corre, escorre, esboça, vaza, apaga, transborda.

Palavras e imagens, aqui neste texto, não querem representar ou interpretar a sexualidade; elas movimentam-se com ela e tentam traçar pequenas rasgaduras das normas e formas, seguem sua potência, compõem seus blocos de afetos. Assim, este texto compõe travessias, passagens, paisagens de um mapa movente dos afetos, que segue transbordando por uma estética da existência.



AGRADECIMENTO: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento da pesquisa, através da concessão da Bolsa de Doutorado.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, M. R. (2011) A escrita-devir como experimentação: para uma cartografia de si. in CHAVES, S. & BRITO, M. (organizadoras) **Formação e Docência: perspectivas da escrita narrativa e autobiográfica**. Belém: Editora Cejup.
- DELEUZE, G. (2010) **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (2012) **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (2012) **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (2010) **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. (1998) **Diálogos**. São Paulo: Escuta.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (2005) **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes.
- LINHARES, S.; GEWANDSZNAJDER. (2012) **Biologia**. São Paulo: Ática.
- LINS, D. (2012) **Estética como acontecimento: o corpo sem órgão**. São Paulo: Lumme.
- MOSKA, Paulinho. **O Corpo**. (1995) In: Pensar é fazer música. Rio de Janeiro: EMI.
- ORLANDI, L. (2009) O pensamento e seu devir criança. in LINS, D. (organizador) **O devir-criança do pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- RANCIÈRE, J. (2000) **Le Partage du Sensible: esthétique et politique**. Paris: La Fabrique.
- SCHÖPKE, R. (2012) **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ZOURABICHVILI, F. (2004) **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.